

Entrevista&



METR6POLE MAGAZINE CONVERSA COM A BANDA JOSEENSE **DOM PESCOÇO SOBRE SEU NOVO DISCO**

Grupo lançou recentemente o 3lbum “Chucro”, segundo trabalho em est3dio

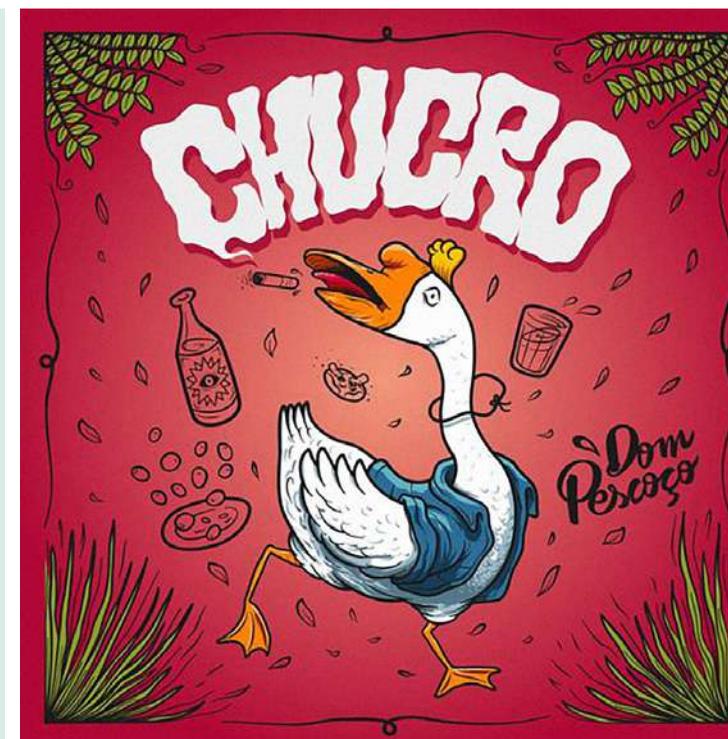
Gabriel Campoy

S3O JOS3 DOS CAMPOS

Nascida na zona rural de S3o Jos3 dos Campos, a banda Dom Pescoço leva para o palco uma pluralidade musical que passa por influ3ncias desde nomes cl3ssicos do sertanejo raiz at3 grandes refer3ncias do rock cl3ssico nacional. Formada por Dom (baixo e vocal), Gabriel Sielawa (viol3o nylon, teclado, guitarra e vocal), Passarinho (bateria, programaç3o e voz) e Rafael Pessoto (guitarra e voz), o grupo se destaca por ter todos seus integrantes como vocalistas. Ap6s a produç3o de seu segundo 3lbum de est3dio, o grupo realizou em fevereiro uma s3rie de lives pelo YouTube para apresentar o novo trabalho ao p3blico. Em um bate papo com a **Metr6pole Magazine**, o baixista e vocalista Dom, um dos nomes mais antigos da banda, falou e destrinchou bastante sobre a hist3ria do conjunto.

A banda chama-se Dom Pescoço. Voc3 3 o Dom, justamente o integrante que fala conosco. Considera-se o l3der do grupo?

(Risos). Nas grandes bandas ao longo da hist3ria da m3sica, na maioria das vezes o l3der 3 sempre o vocalista, n3? Mas no nosso caso n3o. Todos cantamos. Acredito que seja uma peculiaridade da Dom Pescoço. Nos discos anteriores todos cantavam. Nesse, de forma espec3fica, escolhemos um cantor s3o. O Gabriel tem uma pegada melhor para o que est3vamos projetando. Mas se tratando de l3der, aqui



n3o existe isso. Somos uma grande democracia. Na quest3o de produç3o eu tomo algumas decis3es importantes, j3 que sou produtor tamb3m, mas longe de ser l3der.

Qual o significado do nome da banda?

3 inspirado em Dom Quixote de la Mancha, o cl3ssico personagem. No nosso caso, virou Dom Pescoço de la Sanja. Contudo, mais adiante deixamos apenas Dom Pescoço. Divulgamos os dois, mas o real e verdadeiro motivo do nome 3 esse.

Desde quando o grupo est3 em atividade?

Estamos desde 2013 na ativa. Como Dom Pescoço desde 2014. Iremos para o s3timo ano com esse nome.

Sempre foi uma dos integrantes terem uma banda?

No in3cio n3o. Começamos como uma grande brincadeira, com outra formaç3o. O n3cleo da banda permanece desde 2013, mas t3nhamos outros integrantes. Toc3vamos na zona rural da cidade, em

uma est3o3o eco cultural que existia, onde as pessoas faziam eventos, shows, saraus. Enfim, est3vamos sempre l3. Em 2014 entrou o Gabriel, que atualmente 3 o nosso vocalista, e desde a mudanç3a para o nome Dom Pescoço, começamos a ter em mente que quer3amos viver disso.

E voc3s vivem disso?

A banda em si n3o 3 autossustent3vel, mas todos n3s vivemos da m3sica com outros projetos. Falando por mim, sou produtor cultural e tenho outras bandas. Vivemos n3o somente da m3sica, mas da 3rea cultural. Quando produzo n3o sou m3sico, faço zeladoria, organizo eventos, projetos. Os demais integrantes s3o mais ass3duos com a m3sica dentro dos outros projetos. Entretanto, somos todos ligados ao mundo musical.

Para quem ouve o novo disco de voc3s, “Chucro”, 3 percept3vel uma grande influ3ncia da 3rea rural nas m3sicas e nos efeitos. O campo 3 uma inspiraç3o para a banda?



Esse é um aspecto que concluímos ser o diferencial do grupo. Somos todos da zona rural, moradores mesmo. Hoje não mais, apenas eu. Mas no início da caminhada toda nossa base foi lá. Neste último disco nos trilhamos para voltar, aqui no meu bairro, onde ficamos um mês, fazendo toda a produção desse trabalho. Fizemos ao lado de um local cheio de gansos. É justamente nossa intenção fazer nosso público sentir essa pegada mais rural. O fato de termos surgido na roça é parte preponderante para termos esse ritmo e toda essa questão estética.

O grupo se inspira em algum artista renomado para fazer seu som?

Em muitos. Ouvimos de tudo entre nós. O Passarinho, baterista, ouve e domina bastante ritmos tradicionais brasileiros como forró, samba, maracatu. Essa função rítmica é muito bem explorada por ele. O Gabriel, vocalista, tem uma pegada mais forte no MPB. Já o Rafael Peixoto, guitarrista, é mais ligado em bandas de rock indie. Já eu consumo rock dos anos 80, como The Doors, Vulfpeck, entre outros, e bastante do MBP, como Gilberto Gil, Caetano Veloso e Corumin.

A banda já tem em mente uma turnê do novo disco assim que a pandemia acabar?

É um dos nossos grandes planos para quando tudo isso passar. Já fizemos turnês por todo o Brasil. Passamos pelo sul do país, pelo litoral do nordeste, nos sertões, interior do estado

de Minas, Oeste de São Paulo, entre muitas outras praças. Tudo o que mais queremos é poder fazer nosso som e aglomerar novamente. Tenho certeza que quando for liberado, as pessoas irão com muita. Estamos todos sedentos para consumirmos eventos culturais pessoalmente.

Recentemente o cantor Belo foi preso por realizar shows em meio a pandemia. Muitos outros artistas também fizeram e foram altamente criticados. Como vocês veem essa questão?

Não tem como. Esses artistas são completas exceções. O mundo da música está completamente parado em questão de shows. Tudo está fechado desde março do ano passado e ninguém tem onde tocar. Está literalmente tudo parado. Fazer apresentações por conta nossa é inviável. Além de colocar a saúde das pessoas em risco, envolve também nossa responsabilidade. Agora o que temos que fazer é aguardar o momento ideal, a vacinação em massa e os tramites dos órgãos de saúde para liberarem os eventos de forma presencial e com segurança.



A banda realizou algumas lives de apresentação do novo disco “Chucro”. Como vocês avaliam a recepção dos fãs?

Fizemos anteriormente algumas lives sobre nossos discos anteriores. O ponto bom, artisticamente falando, é que na pandemia pudemos mostrar nosso trabalho para mais pessoas. Entre os dias 8 e 10 fizemos a live de apresentação do novo disco e tivemos uma resposta incrível de nossos seguidores. Tocamos todo o repertório, além de algumas músicas mais antigas. Foi tudo bem legal.

Para os fãs do grupo que estão na expectativa da volta presencial dos shows, qual o recado você deixa?

O recado que eu dou é para que continuem ouvindo nosso som. Estamos trabalhando desde agosto do ano passado, com suor e carinho, para levarmos esse disco que está na praça. Esperamos que em breve possamos sair das lives e irmos para os palcos. Torço para que a pandemia cesse, para que isso possa acontecer o mais breve possível. Nossos últimos shows na Fundação Cultural foram memoráveis. Muita gente compareceu e cantou com a gente. Em breve nos reencontraremos. ■

IPTU

2021

SEU IMPOSTO
RETORNANDO
PARA CIDADE



Pagamento à vista com
7,5% de desconto
ou parcelado em até
10 vezes

Vencimento de
22 a 26 de fevereiro
(conforme consta no carnê)

